

Parece Igual, mas é Diferente: a Repetição como Função Persuasiva na Linguagem Oral

Fabiane Penedo de Andrade¹

Resumo

O presente artigo relata a análise desenvolvida sobre a repetição na interação conversacional. Se a repetição é tida como traço fundamental da língua falada, é porque modifica enunciados intensificando-os, e essa é uma estratégia persuasiva típica da modalidade falada.

Palavras-chave: *Repetição; Oralidade; Persuasão; Intensificação; Estilo*

Introdução

Neste artigo busca-se compreender, via análise conversacional, um dos elementos mais recorrentes do texto falado, a repetição. A repetição na fala é a maior contraposição à escrita, isso ocorre porque é durante a fala que o texto está sendo planejado, face a face na interação entre o falante e seu(s) interlocutor(es). No texto oral, a repetição faz parte da formulação, enquanto que no texto escrito as repetições podem ser suprimidas ou modificadas. Na conversação a repetição é, na maioria das vezes, um recurso do qual se utiliza o falante para construir seu texto. O planejamento da fala e a verbalização, desta mesma fala, ocorrem simultaneamente. É devido a isso que o falante repete palavras, conjunto de expressões ou às vezes até orações inteiras para que possa formular e organizar o que enunciará logo em seguida. Este tipo de repetição não é intencional.

No entanto, há repetições que carregam em si intenções, que exercem funções no discurso do falante em relação a seu(s) interlocutor(es). A repetição, nesses casos, amplia o signo linguístico modificando a língua, fazendo com que os termos que aparecem repetidos não tenham o mesmo significado do que o mencionado anteriormente.

¹ Socióloga, formada na Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP e graduanda de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – FFLCH-USP.

Ao contrário do que muitos podem imaginar, a repetição não é um erro ou uma falha na linguagem, ela pode ser, como se verificará nos casos a seguir, um recurso utilizado pelo falante com a finalidade de persuadir seu(s) interlocutor(es).

O *corpus* trabalhado

Para verificar a repetição empregada como elemento persuasivo o *corpus* utilizado para análise foi uma entrevista de um sociólogo concedida a um historiador na lanchonete da Faculdade de Educação, na Universidade de São Paulo (USP), ocorrida em dois de setembro de 2009. O foco principal da entrevista foi a atuação do entrevistado num programa de formação de professores da rede estadual de São Paulo, mas ela perpassa outros assuntos, como a formação pessoal do entrevistado, origem socioeconômica, geográfica e cultural, sua vida em família e sua trajetória escolar, além de questões etnicorraciais. A entrevista tem duração aproximada de uma hora e vinte minutos e foram selecionados alguns trechos para apreciação neste trabalho em que aparecem os casos de repetição. O entrevistador, L1, nasceu na cidade de Ribeirão Preto, atualmente mora na zona oeste da cidade de São Paulo, tem 26 anos, é historiador e professor e está concluindo o mestrado pela Faculdade de Educação. Tornou-se bacharel e concluirá o mestrado pela USP. O entrevistado, L2, tem 28 anos, é paulistano, morador da zona sul da cidade, é bacharel e mestre em Sociologia também pela USP e trabalha como educador social.

Parece igual, mas é diferente: a repetição como função persuasiva na linguagem oral

A repetição é, certamente, o recurso mais empregado na linguagem oral, justamente por fazer parte desse processo de planejamento da fala: enquanto repete vocábulos, o falante organiza mentalmente as ideias para proferi-las em seguida. As repetições são marcas do texto em formação, são meios pelos quais o falante se utiliza a fim de levar o interlocutor a compreender seu enunciado e nele acreditar.

[...] o falante persegue quase sempre o objetivo de levar o seu interlocutor a **crer** no que diz. Para tanto, porém, ele precisa alcançar um objetivo anterior: que seu enunciado seja linguisticamente construído de maneira tal que o ouvinte reconheça a intenção comunicativa do falante, isto é, que lhe compreenda o enunciado. Em outras palavras, ao falante cabe oferecer uma “proposta de compreensão”, ao ouvinte, a partir da qual este possa mostrar a reação esperada. (HILGERT, 2003, apud PRETI, 2003: 107)

Os trechos escolhidos na entrevista analisada demonstram que a intenção do falante L2, em suas repetições, era mais do que construir o texto falado – ele não repetia pronomes e artigos, o que é mais comum nas repetições de formulação textual oral. A intenção de L2 era intensificar acontecimentos vividos para convencer o interlocutor L1 a acreditar no seu enunciado. Os segmentos repetidos por L2 ocorrem no léxico, mas, poderiam ser também repetições de orações inteiras, ter a mesma forma ou mesmo conteúdo, variar ou não as unidades linguísticas.

Há diversos tipos de análise que podem ser feitas acerca da repetição nos textos orais (Lopes: 2009): análises estruturais que trabalhariam com repetições lexicais; análises semânticas que tratariam das repetições que ocorrem por paráfrase (repetição com mesmo sentido, mas com textos diferentes), sinonímia (repetição do mesmo sentido, mas com palavras formalmente diferentes), parassinonímia (repetição de sentido aproximado, mas com palavras formalmente diferentes) e pleonismo (repetição tautológica da significação de vocábulos ou termos oracionais com propósito retórico) e há também o estudo das funções da repetição no discurso. É sobre esse tópico que o trabalho mais se atém.

As repetições, segundo Marcuschi (2006), podem ser adjacentes ou não adjacentes. As primeiras se referem às repetições que ocorrem no mesmo turno, enquanto as outras acontecem em intervalos maiores, em tópicos distintos. As adjacentes são mais comuns em qualquer discurso falado, isso é corroborado na entrevista analisada em que há apenas um segmento em que a repetição é retomada em outro turno conversacional.

Dentre as funções da repetição estão as de coesividade, as de compreensão, as de intensificação, as de reforço, as de esclarecimento, as de organização do tópico discursivo, as de promoção da interação, a poética e as de persuasão².

No *corpus* analisado há 27 passagens que evidenciam a repetição como recurso de intensidade, ampliação, reforço, até mesmo como exagero de L2 objetivando a persuasão de seu interlocutor. Raras foram as vezes que esse recurso da repetição foi utilizada pelo entrevistador, L1. O entrevistado é que usa da repetição como forma de convencer e se fazer acreditar pelo entrevistador. Essa característica pode ser uma questão de estilo, possibilidade levantada por Lopes (2009):

² Dentre os autores consultados (Lopes: 2009, Fiorin s/d e Marcuschi apud Lopes: 2009 há controvérsias quanto a função persuasiva ou função argumentativa. Em Fiorin e Marcuschi aparece como função argumentativa, enquanto Lopes indica que a argumentação não pode ser uma função da repetição porque a argumentação é um meio, cuja finalidade é a persuasão. Como o presente artigo usa a repetição como estratégia de persuasão, foi preferível apoiar-se no termo empregado por Lopes.

É neste ponto que a repetição se conflui com a intensificação, se considerarmos que em muitos casos a repetição funciona como recurso amplificador, reforçador, intensificador e modulador da linguagem, que vai variar e depender do estado emotivo do emissor, da sua intenção, e, até mesmo, do seu estilo, o que nos leva a concluir que a repetição tem mais a ver com o estilo ou com a subjetividade dos falantes do que com a gramática, com a Lógica e com a língua como uma realidade abstrata, independente dos seus usuários.

A repetição, mesmo quando se efetiva com elementos totalmente idênticos aos já ditos, não será igual. O termo repetido tem o poder de mudar a prosódia do enunciado, intensificando-o, por exemplo. A palavra ou oração quando repetidas não terão o mesmo valor do primeiro termo mencionado. Se assim fosse, a repetição perderia sua função e não passaria de uma redundância sem sentido: “[...] não há dúvida de que não são exatamente idênticos os significantes e significados de uma cadeia repetitiva. Do contrário, a reiteração perderia sua função poética³ e deixaria de ser expressiva para se tornar um mero vício tautológico”. (Lopes: 2009)

Na análise discursiva da entrevista, o que se verifica é que a repetição, além de demonstrar a intenção de elucidação, intensificação, reafirmação do significado de alguns enunciados, tendo como objetivo o convencimento do interlocutor, tem também a intenção de causar humor e ironia na interação entre os falantes, o que mais uma vez pode reforçar o “poder de persuasão” de L2.

4. Analisando a função persuasiva da repetição

Na conversação analisada a repetição tem como função discursiva a intensificação e a persuasão e uma é feita apoiando-se na outra, isto significa que o falante L2 emprega a repetição intensificada, modificando o sentido da língua pelo exagero, objetivando que o interlocutor seja persuadido por suas palavras, pelo “martelar” de suas ideias. Da entrevista do sociólogo ao historiador foi possível extrair os seguintes trechos a fim de tornar convicto o entrevistador, L1, do que dizia L2:

(1)

L2 é um maior tempo assim... então a gente... cresci cum... uma série de primos primas tio vô vô tudo... tudo em volta... então era um negócio que... meu ambiente infantil foi muito familiar... era muito louco porque não tinha essa noção de **família**... ideia de **família** extensa pra mim era muito forte né... então assim né... era inconcebível uma festa eu minha mãe meu pai minha irmã... pra mim isso não era a minha **família**... tinha que ter festa em **família**... **família** compreendia uma série de outras... isso era uma coisa... foi difícil até

³ Lopes considera poética com uma das funções discursivas da repetição, o que não será tratado neste artigo.

com a minha mãe que ela ficava brava porque quando ela fazia algumas coisas eu chamava a **família** né... e minha queria que fosse a **família**... nuclear ali... restrita a eu minha irmã meu pai minha mãe... então eu cresci nesse ambiente assim... com relação a escola... eu estudei num colégio do bairro mesmo... chamado::: éh... Carlos Pasquale... com um apelido carinhoso de Brejão... ((risos de L2 e L1)) isso já mostra um pouco... a qualidade da escola... e eu estudei até... a quinta série lá... foi... a quinta...

Neste trecho o vocábulo **família** é mencionado sete vezes, intensificando o significado do termo para o entrevistado, sobretudo o significado da **família extensa**. L2 chama a atenção de L1 para que acredite que a significação de **família** para ele contempla seus demais parentes, além da irmã e dos pais, contempla, como bem descreve ele, “uma série de outras”, de outras **famílias nucleares** que comporiam a sua **família extensa**.

(2)

L1 e sua irmã? gosta de ler?

L2 minha irmã? **Incrível incrível**... acho que ela é uma boa professora mas **nunca vi** ela lendo um livro assim ((risos de L2 e L1))... i ela dá aula de incentivo a leitura... eu **nunca vi nunca vi**... eu **nunca peguei**... **nunca vi**... pô fico impressionado... num... ela faz o curso assim mas **nunca vi** ela lendo... **nunca vi**... **nunca vi** mesmo...

Neste fragmento há dois momentos de repetição a analisar. O primeiro é o vocábulo **incrível** que pode ser concebido como o de criação de humor na interação com o interlocutor. Isso porque menciona, logo em seguida a repetição de **incrível**, o fato de a irmã ser professora de incentivo à leitura, mas ele nunca tê-la visto lendo um livro, elementos que se mostram em contraposição na fala de L2: nunca lê livros, mas dá aulas de incentivo à leitura.

Esse nunca tê-la visto lendo livros é o que aparece repetido logo na sequência. O entrevistado enuncia sete vezes **nunca vi** e um **nunca peguei**, no mesmo sentido de nunca vi para responder com exagero que a irmã nunca foi vista lendo livros, passando a mensagem intensificada para seu interlocutor, persuadindo-o a extrair desta fala que sua irmã não gosta de ler.

(3)

L1 caramba... você comentou que amigos do colégio que entraram na universidade...

L2 sim

L1 pública e particular... e amigos da vizinhança de infância?

L2 **não não** aí **não**... éh um **mundo cindido** sempre foi um **mundo meio cindido**... tipo... **não nem** da vizinhança **não**.. éh muito distante assim acho que essa ida a **Suzano**... na verdade a gente chamava essa ida a

Suzano quando falo essa ida a **Suzano** tou me referindo do bairro onde eu morava... até o **centro da cidade** que essa é a referência... você mora no (Nova América) vai para **Suzano**... porque o **centro** a representação da cidade era o **centro**... o resto era o resto mesmo... então essa ida ao **centro da cidade** para estudar... ela significou uma mudança mesmo de ambiente:: cultural... foi um negócio... i de perspectiva mesmo com relação a escolaridade com a relação a continui(...)a ideia de uma trajetória escolar... possibilidade de ter na universidade um prolongamento desse período escolar eticetera e tal... então um **mundo muito cindido** assim **muito cindido**... né?... interessante isso... é que... você... várias pessoas que eu conheço... eu queria eles fossem no Nova América lá onde eu morava pra entender... pra não entender **nada**... porque vocês não vão entender **nada:: nada:: nada::** ((risos de L1))... absolutamente **nada::**... tô falando sério... **nada::** lugar **muito louco... muito louco... muito esquisito... muito esquisito**... então era... eu acho que essa ida... acho que esse foi acaso da coisa... se teve um acaso foi esse... na história...

Nesta passagem há cinco pontos a analisar. O primeiro a respeito da intensificação por reforço do uso do **não** e **nem** para tornar bem evidente que nenhum dos seus amigos de infância ou vizinhança entraram na universidade.

O segundo é sobre o termo **Suzano** e **centro da cidade** (de Suzano) que aparecem como equivalentes representando “tudo” o que havia na cidade em oposição ao bairro Nova América que era o **nada**.

Essa palavra **nada** aparece nesse trecho por seis vezes intensificando que a pessoa que for ao Nova América, em Suzano, não irá entender absolutamente nada do lugar e por isso entenderá esse **mundo cindido**, entre o **centro** e o resto que é o **nada** enunciado por L2.

Há ainda as repetições de **muito louco** e **muito esquisito**, por duas vezes cada, enfáticas também para caracterizar esse “**nada**” que é o bairro Nova América em Suzano.

A função persuasiva percebida neste segmento talvez seja uma das mais evidentes para fazer com que L1 compreenda que na cidade existe um **mundo cindido** entre o **centro** e resto, resto este que é igual a **nada** e que esta dicotomia entre o **centro** e o **nada** influenciou e influencia, inclusive, a vida dos habitantes em relação à trajetória escolar.

(4)

L1 a professora era branca ou negra?

L2 branca branca... professora O. ... ela foi a minha professora na pré-escola e no primeiro ano... professora O. ... essa é pouco uma coisa negativa... o problema do E... du du W. é isso né?... ele acabou falecendo com catorze anos... morreu num assalto... i... positivo acho que teve um cara maluco assim... como historiador **péssimo** assim... como historiador **péssimo**... era um cara que meio comunista assim... então assim... ele tinha um lance meio di:: naquele marasmo que era Suzano... ele teve um lance di:: de fazer uma

aula mais participativa... tipo que era era um lance bem bacana assim... o professor discutia o que era ideologia... hoje eu vejo **péssimo** historiador... **péssimo péssimo... horrível...**

L1 **péssimo** historiador e professor de História?

L2 ahn?

L1 ele era **péssimo** historiador e professor de História?

L2 **péssimo** professor de História... sem didática nenhuma... [...]

[...]

L1 A. ?

L2 A. ... cara bem bacana assim... cara bem sacado

L1 ((incompreensível))

L2 **horrível...** ((risos)) ele era **muito ruim...** fico pensando viu? como ele era ruim né? Era um cara legal... um cara bacana assim... superimportante... superimportante...

Neste trecho há vários turnos, e em todos em que pertencem a L2 ele menciona que teve um professor de história que era **péssimo** historiador. É uma das raras vezes em que o entrevistado usa o superlativo em sua fala, geralmente ele intensifica os adjetivos usando o advérbio **muito** diversas vezes, o que ocorre inclusive nessa passagem, em que ele coloca como equivalente de **péssimo** o qualificativo **muito ruim** (e ainda o superlativo **horrível**). Ao todo o entrevistado se refere ao historiador sete vezes como **péssimo**, duas vezes como **horrível** e uma como **muito ruim**, além da avaliação como **péssimo** professor de história que ocorre em uma passagem.

Sobre L2 costumeiramente não usar superlativo, Bousoño (1956, Apud Lopes 2009), afirma que as repetições seguidas têm mais valor superlativo do que o próprio grau superlativo porque, a cada vez que se repete, aumenta-se o sentido qualitativo do termo mencionado (o que vale tanto para adjetivos quanto para outras palavras). O segundo termo enunciado aparece mais qualificado valorosamente que o primeiro, o terceiro mais que o segundo e assim sucessivamente. Para Bousoño “[...] *toda reiteración posee virtudes intensificadoras del significado*” (Apud Lopes: 2009). Neste fragmento da entrevista, a intensificação no historiador **muito ruim**, **péssimo**, **horrível** tem valor ainda maior do que o discutido pelo autor espanhol Bousoño, visto que L2 além de usar dois adjetivos superlativos, repete-os diversas vezes e o intercala ainda com o qualitativo **muito ruim**, enfatizando, num alto grau, o quanto era ruim o historiador.

Foi possível encontrar neste segmento também a repetição não adjacente. Há um intervalo em que os interlocutores continuam falando do professor, de sua importância

como professor que incentivou a participação, mas logo em seguida tornam a falar sobre como o professor era um historiador ruim.

(5)

L1 Oh T. eu fiquei pensando aqui agora... você citou esse caso de racismo... que você sofreu... ((incompreensível)) só para aproveitar o ensejo éh... teve também outras ocasiões durante o processo de escolarização?

L2 tem né? eu tem tem acho que

L1 que você lembre agora mais fácil?

L2 ((longa pausa)) como eu posso dizer:: eu sempre sofri.. éh éh... é uma coisa louca isso né? porque a gente sempre so(...) as minhas percepções sempre foram ao contrário né? aquela coisa di que você... você por ser um aluno minimamente... participativo esse efeito parece mais pela surpresa mesmo né? porra você tá falando... cacete até você aí começa virar um negócio meio estranho assim né? mas tem essa essa uma coisa que a gente sempre... éh:: sempre percebeu essa desvalorização... acho que o louco do... dessa relação da educação i não só da educação mas... do racismo de um modo geral é a **desqualificação** de antemão assim... é você **desqualificar** o outro como... como... **como mais um** né? **você não conta**... só isso aí já tá **fadado ao fracasso**... então éh... i disso... i é isso... porque a gente fica procurando... acho que é um pouco do que eu fico com receio dos estudos sobre... sobre racismo no espaço escolar... sempre fica procurando um evento mas a gente esquece a sistemática da coisa... que é a **desqualificação** mesmo... **não vai ter mesmo**... **não vai**... **não vai ter**... porque **você não conta mesmo**... sempre conta com um fato... não éh... até você virar um caso, amigo... você tem que fazer muita merda né?... você tem que causar muito... você tem que ser um aluno muito bom pra você sofrer um caso de racismo né?... porque a lógica é a **desqualificação** como.. como sujeito da coisa... i eu acho que é isso um pouco ainda hoje me assusta porque... é a coisa que permanece né? independente do... ter entrado na USP ter feito mestrado essa surpresa constante que você causa nas pessoas pelo simples fato de você ter feito uma trajetória escolar ... em instituições públicas

Esse tipo de repetição é conhecido como listagem, em que há a variação lexical ou morfológica em paralelismo sintático. Nota-se que os termos **como mais um** / **fadado ao fracasso** / **não vai ter mesmo** / **não vai ter** / **você não conta** / **você não conta mesmo** referem-se à **desqualificação** / **desqualificar** e a intenção de L2 é persuadir L1, novamente intensificando que a pessoa é tida, pressupostamente, como desqualificada e por isso está fadada ao fracasso, não vai ter mesmo, não vai ter, é mais um, não vai contar mesmo. L2 suprime a informação da esquerda (**desqualificar** / **desqualificação**) e acrescenta a ela novas informações. Dessa maneira, a repetição por listagem não é, como já anteriormente citado, uma tautologia desnecessária, ela é, sobretudo neste caso uma forma econômica de comentar e sustentar o tópico. (Fiorin⁴) E como num ciclo a **desqualificação** aparece no início do tópico e depois é retomado no final.

⁴ Não há ano da publicação deste texto, inserido na **Revista Online de Literatura e Linguística**.

(6)

L1 Uh T. ... como você se considerava éh com muitas aspas um bom ou mau aluno ou outras classificações?

L2 acho que eu fui um bom aluno assim... indisciplinado assim... indisciplinado não... éh:... eu sempre fui... **desorganizado** assim... **muito desorganizado** como aluno... ainda sou... acho que eu era... pegava algumas coisas assim... mas muita desorganização... **muito muito muito desorganizado**...

Neste segmento L2 intensifica sua desorganização, repetindo que era(é) **desorganizado** por três vezes e ainda usando o intensificador **muito** por três vezes antes de enunciar o último desorganizado.

(7)

L1 você lembra a diretoria que você trabalhou? diretoria de ensino... Foi aqui em São Paulo ou fora?

L2 **trabalhei em** várias cara... várias... eu **trabalhei em** Itaquaquecetuba **trabalhei em** Mauá **trabalhei em** Santo André **trabalhei**... **em**... éh... Marília...

L1 viajou heim?

L2 viajei mano **trabalhei em** Marília **trabalhei em** Jaú... meu **trabalhei muito** mano nesse projeto **muito muito**

Nesta passagem L2 enfatiza que trabalhou muito no projeto, enunciando os termos **trabalhei em** por oito vezes, sendo que junto a última menção ao **trabalhei** ele acrescenta o intensificador **muito** por três vezes, objetivando que o interlocutor L1 compreenda que o trabalho no projeto foi intenso.

(8)

L2 Ali Kamel... meu para com isso aí... ((risos de L1)) vamo ler estrutura do Estado... vamo lá sabe? eu acho que tem... eu assim... é temerário **gente**... entrar numa discussão nesse nível... sendo preto só tende a ((risos de L2))... sendo preto você já tende a perder e aí se você for nesses acordos porque e isso agora é um projeto que eu tô tentando montar com a minha amiga S. ... éh:: ler os argumento do:: os argumentos do Supremo Tribunal Federal sobre a defesa das cotas ou seja... qui argumentos institucionais eles usam para continuar mantendo a constitucionalidade das cotas nas universidades que implementaram o projeto? Por que ninguém se atenta a isso? falo “**gente** existe um debate que é constitucional... não... e tem uma defesa que é constitucional desses desses projetos... não é ir atrás de PITER Fry Ivone Maggie... **não gente** ô... outro nível... é outro nível da discussão... **a gente** tá tentando preparar um material agora... eu e a S. .. que é um pouco retomar a::... a::... as bases de justiça das políticas de ações di ações afirmativas no Brasil... néh? atento a essa coisa da institucionalidade do direito... não::... sim **a gente** vai ler o Peter Fry a Ivone Magggie mas pra (esculachar) **não gente** existe... **não gente** vamo falar direito... vamo néh? o cara termina um texto (tem um texto do Peter Fry) que termina no boteco... **não gente**... eu tô falando eu tô falando de um país... de uma institucionalidade eu to falando de uma lei néh amigo eu to falando negócio de política pública... **eles** estão falando de outra coisa... mas o cara “não por que ele falou” não as **pessoas** falam mesmo ((risos de L1))... não... as **pessoas** falam... **elas** falam mesmo... então... é esse movimento que eu to tentando... de

entendimento das ações afirmativas que na verdade é um projeto que **a gente** tá tentando bolar agora... mas é de institucionalidade das políticas di étnico di etnicorraciais no país... e di fundamentos jurídicos dessas políticas... jurídicos não... fundamentos de justiça dessa política dessas políticas

Neste fragmento há uso de quatro elementos equivalentes mas que, em momentos distintos significam ora coisas iguais, ora coisas diferentes: **gente** / **eles** / **pessoas** / **elas** que aparecem sendo enunciados por nove vezes.

Em um caso, **a gente** aparece significando L2 e sua amiga (“**a gente** tá tentando preparar um material agora... eu e a S. ...” [...] “de entendimento das ações afirmativas que na verdade é um projeto que **a gente** tá tentando bolar agora...” [...])

Em outro momento **a gente** significa um coletivo de pesquisadores e/ou intelectuais de questões etnicorraciais, no qual L2 se inclui: (“sim **a gente** vai ler o Peter Fry a Ivone Maggie mas pra (esculachar))”).

Em seguida L2 usa os termos **não gente** / **eles** / **as pessoas** / **elas** significando este mesmo coletivo de pesquisadores e/ou militantes de questões etnicorraciais, mas no qual ele não está inserido: (“é temerário **gente**... entrar numa discussão nesse nível” [...] “**gente** existe um debate que é constitucional... não... e tem uma defesa que é constitucional desses projetos” [...] “**não gente** existe... **não gente** vamo falar direito...” [...] “**não gente**... eu tô falando eu tô falando de um país...” [...] “**eles** estão falando de outra coisa...” [...] “as **pessoas** falam... elas falam mesmo...”.

Considerações finais

Na análise feita acima buscou-se evidenciar que as repetições proferidas no discurso de L2 tinham como função persuadir seu interlocutor L1. Todas as passagens selecionadas têm no mínimo três repetições intensificadoras e algumas ainda mais intensificadas porque acompanhadas do vocábulo **muito**.

A intensificação posta nas repetições de L2 podem remeter a, como salientou Lopes, a uma questão de estilo do falante, uma maneira de expor seus pontos de vista e argumentar a favor deles de forma menos dura e agressiva do que poderia ser feito. Essa persuasão pela repetição por vezes se deu até de uma maneira cômica e irônica, trejeitos que podem ser associados também ao estilo do falante.

Sendo assim, o “martelamento” das ideias do entrevistado para persuasão do entrevistador ocorre de forma tranquila e sem grandes embates, fluindo linearmente para o convencimento do interlocutor.

Referências Bibliográficas

- BARROS, Diana L. P., “Procedimentos de reformulação: a correção”. In: PRETI, D. (org.), **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas, 6 ed., 2003.
- FIORIN, Rosália P. “Repetição uma estratégia de construção vivaz na oralidade”. In: **Revista Eutomia: Revista Online de Literatura e Linguística**. Ano I, n 2.
- HILGERT, José. G., “Procedimento de reformulação: a paráfrase”. In: PRETI, D. (org.), **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas, 6 ed., 2003.
- KOCH, Ingedore G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2008.
- LOPES, Carlos A. G., “A repetição na Língua Portuguesa”. In: **Revista Philologus**. Disponível em <http://www.filologia.org.br/revista/32/09.htm>, acessado em 22 nov. 2009.
- PRETI, Dino F. (org.), **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas, 6 ed., 2003.
- SERRANI, Silvana M., *A linguagem na pesquisa sociocultural: um estudo da repetição na discursividade*. Campinas: Unicamp, 1993.